



UFRJ

LABEDIS

Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som



UnB

LALLI

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
Aryon Dall'igna Rodrigues – IL / UnB

LÍNGUA, IDENTIDADE ÉTNICA E IDENTIDADE DISCURSIVA

Tania Clemente de Souza

- Mestrado Profissional em Linguística e Línguas
- Indígenas – Museu Nacional/UFRJ



ASPECTOS DO LÉXICO EM BAKAIRI

Nossa proposta de hoje é focar alguns aspectos da formação do léxico em Bakairi, numa perspectiva cosmogônica. O termo cosmogonia abrange as diversas lendas e teorias sobre as origens do universo de acordo com as religiões, mitologias e ciências através da história. O que de interessante deve-se destacar é que essa organização do mundo num viés político-cosmogônico vem a constituir a materialidade discursiva da língua em vários componentes da língua. Hoje, vamos falar de formação do léxico, num recorte que engloba signos motivados e um pouco da progressão textual em Bakairi.

Por materialidade discursiva, entende-se a inscrição da história no tecido da língua. Assim, uma proposta de análise da língua por esse viés joga, além da descrição e distribuição dos elementos formativos da língua, a compreensão da discursividade, explorando-se a dimensão textual-discursiva.



SOBRE A LÍNGUA E O POVO BAKAIRI

A língua bakairi pertence à família das línguas Karib, um tronco do sistema das línguas ameríndias, segundo Voegelin e Voeglin (1977). A maior parte das línguas Karib são faladas na América do Sul, ao norte do rio Amazonas, mas algumas são encontradas mais ao sul, no Brasil Central, precisamente no estado do Mato Grosso. O Karib costuma ser subdividido em três ramificações – Norte, Nordeste e Sul. O Bakairi pertence à ramificação Sul, sendo a língua mais meridional da família.



SOBRE A LÍNGUA E O POVO BAKAIRI

A população Bakairi, composta de 1.042 indivíduos, segundo dados da Funai (2013), está distribuída em duas terras indígenas, Terra Indígena Pakuêra e a Terra Indígena Santana, localizadas respectivamente nos municípios de Paranatinga e Nobre, no estado de Mato Grosso, Centro-Oeste do Brasil. Os Bakairi se dispersaram a partir do lugar que consideram como berço mítico de origem se dividindo em dois grupos, mais tarde conhecidos como “mansos” ou “ocidentais”, absorvidos como mão-de-obra pela sociedade colonial desde o século XVIII, e os “brabos” ou “orientais”, que se isolaram no Alto Xingu.



PESQUISA

As análises com a língua bakairi são fruto da coleta de dados entre os Bakairi desde janeiro de 1984, até os dias atuais. Inúmeros são os trabalhos realizados que trazem contribuição ao estudo da fonologia, da morfologia da sintaxe e do discurso, articulando preceitos da Teoria Gerativa e da escola francesa de Análise de Discurso. Inclui-se entre esses trabalhos a Tese de Doutorado (1994) Discurso e Oralidade – um estudo em língua indígena.



DIE BAKAIRI SPRACHE

Data de 1892 a gramática escrita por Von den Steinen resultante de duas viagens realizadas ao Brasil pelo pesquisador alemão em 1887 e 1888. Composta por mais de 400 páginas, a gramática traz estudos em fonética, vocabulário temático, focando corpo humano, parentesco, flora, fauna e etnografia. Além do vocabulário são analisadas 542 frases, vários textos e alguns mitos, dentre os quais está a primeira transcrição de Udodo Pajika ‘A onça e o tamanduá’.

Um século depois, em 1985, faço a segunda coleta deste mito com a pessoa Bakairi mais idosa – Waluga, com 85 anos presumidos, monolíngue.



UM MITO E UM RELATO

1985 assinala a segunda estada entre os Bakairi. Nesta ocasião, trabalho com Balbina Waluga, pessoa Bakairi mais idosa. Trata-se de um registro em gravador de fita de rolo UHER, com duração de 35 minutos. Além da narrativa de Udodo Pajika, Waluga relata como foi feita a retirada dos “Bakairi brabos”, à época isolados no Xingu: Iduodaipa tâdaitobyre ‘Vinda do Mato’.



UM MITO E UM RELATO

O mito aborda o confronto entre a onça ‘o índio’ e o ‘tamanduá’ o não-índio. Enquanto o relato fala da empreitada de Von den Steinen em “arrebanhar” os Bakairi que viviam esparsos por várias regiões. Waluga reconta o que seu pai contava, um dos retirantes do Xingu, quando ainda era um menino de 10 a 12 anos. A narrativa de Waluga é pungente e se diferencia em muito do relato de Von den Steinen, em *Durch Central-Brasilien* (1886) ‘Através do Brasil Central’.



ONOMÁSTICA, LÉXICO E COSMOGONIA

A Onomástica tem em sua base dois componentes principais: a toponímia e a antroponímia, que se resumem em descrever a singularidade do nome de lugares, animais, plantas e de identificar os indivíduos de uma sociedade. Assim, quando se busca sistematizar a relação entre as palavras e as coisas, no campo da onomástica, o primordial é não perder de vista a historicidade da formação desses conjuntos de itens lexicais específicos com relação à cultura e à visão cosmogônica do grupo. Há, dentro da Onomástica, um campo chamado de Toponímia.

Diferente da toponímia, a antroponímia se relaciona com o sistema de denominação dos indivíduos humanos de uma sociedade. “Os sistemas de denominação antroponímica são constructos culturais específicos, e ambos apresentam características gerais que se repetem nas culturas.” (Sólis, 2018: 23)

Diferente dessas duas, propostas que atribui aos sistemas de topônimos e antropônimos uma base cultural, numa outra perspectiva, discursiva, podemos definir além de antropônimos e topônimos, outros itens lexicais, a serem analisados como fundadores da identidade de um grupo quando, por exemplo, se tomam crenças, valores éticos, mitos, etc como elementos que estão na origem da constituição da identidade e organização social de um povo.



LÉXICO BAKAIRI E COSMOGONIA O FORMATIVO - DO

Há, em Bakairi, um tipo de formativo de nomes, que se prende a uma lista fechada de palavras, não podendo esta ser utilizada em processo aberto de derivação lexical. É o caso, por exemplo, do formativo **-do**.

Observem na coluna abaixo dois grupos de exemplos, que correspondem a seres humanos e animais:



udodo ‘onça’

udo ‘ser humano’(índio), guerreiro

uodo ‘meu corpo’

anguido=‘animal’(ser original),

yamundo ‘criança’

pekódo ‘mulher’

ugondo ‘homem’

karrado ‘sombra, imagem’,

kado ‘entidade a quem se oferecem festas e rituais’

kado-pa [-pa ‘negação’] ‘espírito, fantasma’

kurodo ‘urubu rei’

xogo ‘pai’

seko ‘avó’

iupy ‘tia paterna’

kugu ‘avó’

nigo ‘avó

tako ‘avô’

iweampy ‘prima’

iseamby ‘primo’

pamâ ‘cunhado’

maemo ‘cunhada’

maen ‘anta’

kozekâ ‘veado’

pajikâ ‘tamanduá’

kawida ‘arara’

LÉXICO BAKAIRI E COSMOGONIA O FORMATIVO - DO

Os exemplos à esquerda diferem dos exemplos à direita porque estes não têm em sua formação o formativo **-do**. A série, marcada com este formativo, tem sua origem na cosmogonia Bakairi e são todos personagens ancestrais na criação do mundo e dos Kura Bakairi, sendo udodo 'onça', o ser do qual descende o índio. Udo 'índigena' é parte de udodo 'onça', o que parece ser expresso na queda de uma das sílabas da palavra.

A série que não vem marcada com **-do** não está relacionada à ancestralidade de udodo 'onça', embora vários dos elementos aí presentes também façam parte de mitos Bakairi. O mito *udodo pakikâ* 'A onça e o tamanduá' abarca o confronto de dois mundo - o mundo Bakairi e o mundo Karaiva, e apresenta a onça como um ser que está na origem dos Bakairi: é nítida a semelhança entre udodo, como a onça materializando o índio mítico e udo, palavra que designa índio nos dias atuais. E a denominação do não-índio 'pajikâ = tamanduá' não poderia fazer parte da ancestralidade dos Kura Bakairi, embora esteja no mito.



LÉXICO BAKAIRI E COSMOGONIA O FORMATIVO - DO

Considerar que udo 'guerreiro', 'índio', é palavra formada pela elisão de uma sílaba de *udodo* 'onça' tem como perspectiva uma relação de descendência e não de ascendência. Esta perspectiva pode ser observada na formação de várias palavras e até na projeção textual da língua, como vem ilustrado nos exemplos abaixo.



pekodo = mulher

Pekodoimxmbyre = menina

pekodo-mulher-imãim-grande-byre-ex

pekodoimambyre = ‘ex mulher grande’ ou a mulher anter de vir a ser grande.

O formatio –byre, junto a verbos, marca um passado antes do passado. Ou seja, uma passado na origem.

A perspectiva é então partir da origem para chegar ao presente.

É a mulher que gera a criança. E não a criança que vem a ser a mulher.

Iduodaipa tâdaitobyre = os que saíram do mato

Idu-mato-odai-dentro-pa-não =

***t-agente-
âdai-chegar-to-nominalizador-byre-passado-or
igem***

Aqueles que antes não tinham chegado de dentro do mato



BAKAIRI COME BEIJU

‘Bakairi **come** beiju. **Come** o beiju só depois de **feita** a massa dele com mandioca. Ele **faz** massa de mandioca depois de descascar, ralar e espremer [a mandioca]. Assim que isso é **feito**, **faz** o beiju. Para **comer** o beiju, assa e depois **come**.

O desenvolvimento do tema aí solicitado, “as comidas de Bakairi”, girou em torno de um elemento básico à alimentação - *awado* ‘o beiju’. Com relação ao fato “Bakairi come beiju” houve necessidade de uma explicitação das etapas que antecedem o ato de comer beiju. Em retrospectiva não-linear foram apontados: fazer a massa do beiju; enumerar as etapas precedentes a isso: descascar, ralar e espremer a mandioca; comer o beiju, que antes foi assado para ser comido. O encadeamento entre as frases se dá através da repetição das ações (fazer e comer, principalmente) [...].

[..] Essa circularidade cósmico-circular pode estar instituída na língua através das diversas marcas linguísticas que modificam os verbos em Bakairi. De onde se permite entender por que as chamadas formas perfectivas - as que de fato marcariam e delimitariam o curso do tempo em termos de presente, passado e futuro - não compõem a estrutura discursiva. A circularidade aponta, na verdade, o não-tempo, ou o retorno a um tempo original, mítico, negando uma possível prospectiva e apontando uma retrospectiva circular, por isso, não linear.



CONCLUSÃO

Enfim, a questão da formação do léxico e da tessitura da língua em bakairi não se reduz a uma visão de mundo, constituída apenas pela cultura. Existe, sim, uma visão cosmogônica instituída no léxico, na estrutura da língua como um todo, que, por sua vez, vai permitir entender a organização social do grupo, as relações de parentesco, bem como os valores éticos, religiosos, os rituais, etc. São redes de diferentes ordens que tecem a materialidade da língua.

Essa perspectiva analítica, porém, só é alcançada quando se toma a língua como um todo, mas num movimento constante entre a análise de frases isoladas e a análise da textualidade, esta, porém, vista pelo ângulo da historicidade da língua e do povo numa imbricada relação de constituição mútua, movimento inscrito na materialidade discursiva.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1975.

SOLÍS, F. Gustavo. Prefácio. In: Aguiar, M. S. et al (orgs). Onomástica e a identidade do homem. Goiânia, GO: Editora Impressa Universitária, 2018

SOUZA, TANIA CONCEIÇÃO C. de Considerações sobre a estrutura discursiva na língua Tapirapé, In: *Série Estudos* 12, Uberaba, 1986

_____. Perspectivas de análise do discurso numa língua indígena: o Bakairi (carib). In: Orlandi, E. (org) *Discurso indígena*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991

_____. Discurso e Oralidade - um estudo em língua indígena. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1994

_____. Mito e discursividade: um processo metonímico. *Revista Boitatá*, v.6, p.23 - 35, 2008.

_____. Línguas indígenas: memória, arquivo e oralidade. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. Ano 1, no. 2, p. 36-55, 2016.*

_____. Descrição e análise de parâmetros morfológicos e sintáticos em língua indígena. (2020, no prelo)

VON DEN STEINEN, KARL. *Die Bakairi Sprache*. Leipzig, 1892

_____, *Durch Central Brasilien*, Leipzig, 1886 tradução brasileira: O Brasil Central - Expedição de 1884 o Xingu, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940

_____. Entre os aborígenes do Brasil central. São Paulo: separata da *Revista do arquivo* n°XXXIV E LVIII, 1942

